

## **Consumo Cultural de Indumentárias Litúrgicas Afro-Brasileiras na Cidade do Recife e Região Metropolitana<sup>1</sup>**

Karolina de Melo SILVA<sup>2</sup>

Zuleica Dantas Pereira CAMPOS<sup>3</sup>

Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE

### **Resumo**

Este artigo é produto da pesquisa de iniciação científica que tem o objetivo de investigar a presença do mercado de indumentárias litúrgicas afro-brasileiras na cidade do Recife e Região Metropolitana (RMR), analisando suas interações com o contexto urbano e o consumidor, assim como as relações do fiel com este mercado e o processo de produção, venda e aquisição dos produtos. Parte-se da premissa de que as roupas e adereços rituais são para estas religiões elementos de importante valor simbólico, que vêm sofrendo transformações desde o estabelecimento delas na metrópole. Dessa forma, foi realizado um mapeamento das lojas de indumentárias afrorreligiosas no Recife, entrevistas com costureiros, pais de santo e comerciantes, além de pesquisas de campo em quatro terreiros da cidade e RMR.

### **Palavras-chave**

mercado litúrgico; religiões afro-brasileiras; indumentárias; metrópole.

### **1. Introdução**

O estabelecimento graduado das religiões afro-brasileiras no contexto urbano a partir do século XX permitiu a elas maior visibilidade social e um número cada vez mais crescente de adeptos, que já não possuem correspondências com raça, etnia, grau de instrução ou classe social. Esta conquista se deu principalmente pelo espetáculo estético das cerimônias públicas, demonstradas nas roupas e adereços litúrgicos dos fiéis. Assim nos relata Souza (2007, p. 31):

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante de Graduação. 7º semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas pela Universidade Católica de Pernambuco. Voluntária PIBIC/Unicap do Projeto de Pesquisa Nos bastidores do axé: a indumentária litúrgica afro-brasileira na Região Metropolitana do Recife. Email: [karolinamelosilva@gmail.com](mailto:karolinamelosilva@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Docente do curso de Licenciatura em História da Universidade Católica de Pernambuco, email: [zuleicape@hotmail.com](mailto:zuleicape@hotmail.com)

A valorização da beleza é um dos fatores que contribui para a inserção e reprodução do candomblé na metrópole moderna. Igualmente, muito de sua visibilidade, de seu alcance simbólico, evidenciado especialmente pelas artes, advém de sua estética plástica exuberante, que se manifesta sobremaneira na festa pública.

Além de sua importância estética, as indumentárias representam grande valor simbólico para essas religiões, pois marcam a passagem ritualística dos orixás ao mundo dos humanos, onde os fiéis se aproximam de seus deuses e têm a oportunidade de construir sua imagem. Elas - as roupas e insígnias rituais - são, então, consideradas sagradas pelo povo de santo e, dada sua importância, segundo Silva (2008, p. 101), devem ser exclusivas dos trabalhos e eventos no terreiro.

Inicialmente, a maioria dessas roupas era confeccionada em materiais mais rústicos como o algodão cru. Com o passar do tempo, no cenário de urbanização e conquistas de adeptos, a produção das indumentárias foi acelerando, dando início a um processo de industrialização das indumentárias litúrgicas afro-brasileiras, o que acarretou mudanças na sua concepção.

Desde a institucionalização do candomblé, as roupas rituais vêm sofrendo um crescente processo de estetização. As mudanças ligam-se, entre outros fatores, à inserção da cultura urbana nos terreiros e conseqüentemente ao consumo dos tecidos industrializados, ditados pela moda. Esse quadro provocou o abandono dos tecidos mais rústicos (algodão cru, chita) e a incorporação progressiva, pelas filhas-de-santo, de tecidos como veludo, a seda, o duchese, o lamê, e o cetim. Esses tipos de tecido brilham e refletem a luz com mais facilidade. Durante as festas públicas eles contribuem para a criação do ambiente espetacular. (SANTOS, 2005, p. 75)

Essa transformação e as oportunidades oferecidas pelo cenário urbano permitiram que as religiões de matriz africana se inserissem no mercado para atender às demandas de consumo dos fiéis. Com os avanços do mundo moderno, este novo mercado também vem apresentando mudanças no que concerne às relações com a sociedade, o consumidor, o fornecimento e a revenda de bens.

As lojas, portanto, se especializaram em oferecer diversas possibilidades de ornamentação pessoal para as festas públicas, e a busca por novas peças, tecidos e estampas é uma constante. Para fortalecer sua dinâmica, atualmente as relações comerciais ocorrem também em nível internacional, especificamente com a África.

Mas, mesmo apresentando inovações no uso de tecidos, materiais e nos métodos de produção, no que diz respeito à estrutura das indumentárias, poucas coisas mudaram, pois, como afirma Souza (2007, p. 50), "essa é uma religião que logrou se reproduzir mantendo-se fiel às suas origens" e realizar alterações na forma "seria correr no risco de descaracterização".

Hoje em dia, tem sido cada vez mais comum o uso de roupas rituais compradas prontas, e a aceitação desse novo método de produção alcançou uma mescla de gerações nos terreiros. Em Recife, de modo geral, alguns fatores ainda impedem que este mercado interaja efetivamente com seu público potencial e com o meio social.

Neste sentido, o objetivo deste estudo é compreender como este mercado de indumentárias litúrgicas vem se acomodando em Recife, as suas relações com os consumidores e com o contexto urbano, assim como seus métodos de produção e venda.

## **2. Processo investigativo**

Para atingir os objetivos estabelecidos nesta pesquisa, primeiramente foi realizado um estudo bibliográfico para embasamento teórico do tema investigado. Num segundo momento, elaborou-se um levantamento das casas que comercializam os adereços e as roupas litúrgicas afro-brasileiras no centro da cidade do Recife, especificamente na região que compreende o Mercado de São José.

Em seguida visitamos quatro terreiros: o terreiro de Xambá (Ilê Axé Oyá Meguê), na festa em homenagem ao orixá Oxum; o terreiro Roça Jeje Osún Opará Oxossy Ybualma, do Pai Raminho; o Barracão Ilê Axé Ogunrinuwolá e o terreiro Ilê Obá Aganjú Okoloyá - ramificação do terreiro de Pai Adão -. As visitas foram realizadas com o objetivo de observar os comportamentos dentro desta religião, a estrutura e regimento de cada um desses terreiros, as características das indumentárias e o perfil do povo de santo - potenciais consumidores do mercado litúrgico afro-brasileiro do Recife.

Durante a visita ao Terreiro Ilê Axé Oyá Meguê, conhecido como terreiro de Xambá, foram aplicados dez questionários fechados com os filhos de santo que frequentam a instituição. Já no terreiro de Pai Raminho, Roça Jeje Osún Opará Oxossy Ybualma, onde o número de adeptos é maior, aplicamos 24 questionários, e nos demais - Barracão Ilê Axé Ogunrinuwolá e Ilê Obá Aganjú Okoloyá - interrogamos 15 fiéis.

Para a fixação e precisão das informações, algumas anotações foram feitas e, além desses recursos, a fotografia foi utilizada como ferramenta de registro de detalhes necessários para a averiguação de informações.

Após a conclusão do mapeamento das vendas de adereços e axós (roupas rituais) para o candomblé e umbanda, uma nova visita ao mercado foi realizada com a finalidade de conversar com alguns desses comerciantes. Em uma das visitas, entrevistamos os proprietários da única loja em Recife que revende roupas prontas para o povo de santo e, além dessas entrevistas, também colhemos depoimentos de um pai de santo e de uma costureira.

O método observacional descritivo também utilizado aqui é para este objeto de estudo um dos métodos mais importantes, visto que nas religiões afro-brasileiras a comunicação acontece quase que exclusivamente de maneira gestual e oral, pois raros são os registros escritos.

### **3. Resultados e discussões**

#### **Mapeamento de lojas na cidade**

- Apenas uma loja identificada na cidade como revendedora de roupas "prontas".

Em Recife, o mercado de indumentárias é recente e ainda se encontra em consolidação. Até o momento, existe apenas uma loja na cidade que fornece roupas prontas – o Ateliê Rainha das Águas - enquanto adereços litúrgicos podem ser encontrados em outras lojas no Mercado de São José e entorno. O Ateliê Rainha das Águas está localizado na Rua da Palma e foi inaugurado em 2008 por Marion Correia. Atualmente está sob a administração dele e de seu companheiro Marcos Antônio, que também é pai de santo.

Figura 1: Roupas prontas expostas no Ateliê Rainha das Águas



Fotos: das autoras

Figura 2: Marion Correia



Foto: das autoras

No início funcionava apenas como ateliê, onde Marion costurava roupas para o povo de santo, hoje, além de ateliê funciona uma loja onde são comercializadas roupas e adereços, tanto nacionais, quanto importados da África. As trocas comerciais se dão principalmente em Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo, onde a presença de fornecedores africanos é maior. Segundo Marion, a partir do momento em que o acesso aos produtos africanos foi facilitado, o consumo de indumentárias ganhou novos materiais e estilos, assim como fez a industrialização.

Hoje, eles detêm boa parte da clientela do povo de santo da região, entretanto, pela divulgação ser mais boca a boca, o alcance de público ainda é limitado. As pessoas

que procuram o ateliê são, em sua maioria, aquelas que vislumbram seus produtos nas cerimônias dos terreiros.

### **Consumo de roupas prontas: a industrialização dos axós**

- 50% das pessoas entrevistadas consomem roupas prontas.

Antes as roupas mais valorizadas para paramentar o orixá eram aquelas confeccionadas à mão. Notamos em Recife que essa valorização ainda permanece entre boa parte do povo de santo, entretanto o número de fiéis hoje que aderem aos axós industriais é grande e está perto de ultrapassar a cultura tradicional. Muito dessa aceitação do público, segundo Souza (2007, p. 55) está ligada à sua produção em escala e seu baixo custo.

De acordo com as pesquisas aplicadas nos terreiros da região metropolitana da cidade, dos 64 entrevistados, 28 já compram ou compraram roupas “prontas”. Dessa forma, constatamos inicialmente que 43,75% do povo de santo do Recife e RMR são consumidores do mercado de indumentárias litúrgicas afro-brasileiras.

Entretanto, levando em consideração que todos os frequentadores do terreiro de Xambá, exceto um visitante, ainda recorrem à produção manual de seus trajes - visto que a casa possui como parte do seu regimento um modelo padrão que impede o contato com o mercado litúrgico -, podemos ainda diminuir as diferenças entre os números, afastando o terreiro em questão da amostra. Assim, os resultados se dividem em 50% entre os que compram e os que ainda fazem artesanalmente.

Figura 3: Barracão Ilê Axé Ogunrinuwolá



Fotos: das autoras

Figura 4: Terreiro de Xambá



Fotos: das autoras

Figura 5: Terreiro Ilê Obá Aganjú Okoloyá



Fotos: das autoras

Figura 6: Terreiro Roça Jeje Osún Opará Oxossy Ybualma



Fotos: das autoras

### **O mercado litúrgico afroreligioso está em fase de "virtualização", no entanto os diálogos ainda permanecem, em sua maioria, face a face**

- 17,6% dos entrevistados já compraram axós pela internet e 67,6% em lojas. 14,8% assinalaram "outros".
- O contato pessoal com o comerciante/costureiro e adrecista ainda predomina contra a internet, com 73,4%. Apenas 6,3% utilizam as plataformas online.

Diante do que foi mensurado, a venda de roupas e adereços do candomblé na internet ainda não está bem estabelecida nessa região. Até o momento não existem plataformas exclusivas para vendas online por vendedores de Recife, apenas medições pelas redes sociais, como no caso do Ateliê Rainha das Águas. Ainda assim, nota-se uma dificuldade em administrar essas redes por parte dos comerciantes.

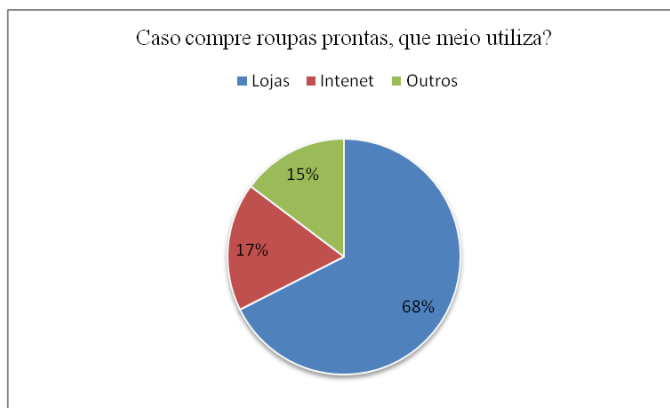
Na entrevista, por exemplo, Marcos declara que embora o ateliê possua um perfil no Facebook, eles não conseguem gerenciá-lo de forma a manter um contato com clientes por esse meio, nem conquistar um número considerável de novos. As publicações são esporádicas e as interações quase inexistentes. Mesmo nas relações comerciais, o diálogo entre consumidor e vendedor permanece preferível pessoalmente.

Nas pesquisas, ao serem questionados sobre consumo online, das 64 pessoas apenas seis declararam já ter comprado roupas de santo em alguma plataforma na internet. Além do caso do terreiro de Xambá, em que os adeptos seguem os moldes exigidos, outros motivos para a baixa aceitação da compra online são a segurança de obter o produto e a certificação da qualidade do mesmo.

Outra explicação também ouvida dos próprios entrevistados, diz respeito à confiança na proveniência da roupa. Por ser um bem com grande valor simbólico, para eles é importante que essas roupas possuam axé desde a sua confecção ou que, pelo menos, sejam comercializadas por pessoas do santo.

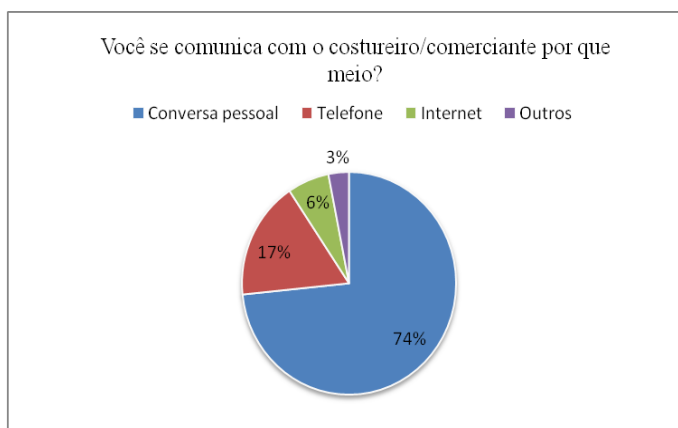


Gráfico 1: Meio de compras



Fonte: das autoras

Gráfico 2: Como se dá a comunicação com costureiro/comerciante



Fonte: das autoras

### Hoje, em Recife, os fiéis têm mais liberdade para definir o modelo de seus axós

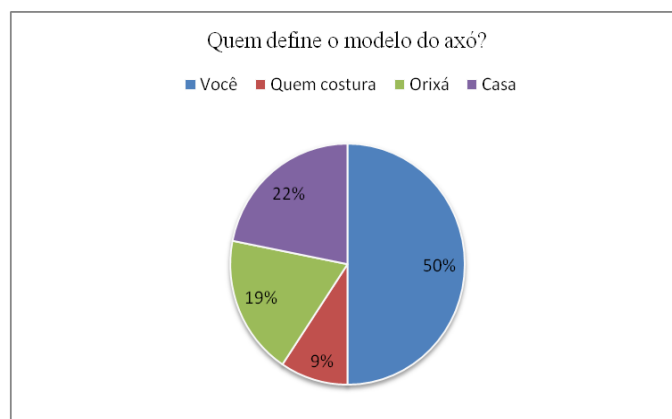
- 50% deles definem o modelo de seus axós, enquanto que 21,9% seguem orientações da casa.

Durante muito tempo os modelos dos axós eram controlados pelos pais de santo nos terreiros e, como o terreiro de Xambá, ainda existem casas que decretam um molde a ser seguido pelos fiéis. Assim como relata Souza (2008, p. 65); “ninguém se veste por conta própria, essa decisão é muito fortemente controlada pelos pais e mães de santo que para tanto levam em conta também a imagem que querem apresentar de seu terreiro”.

Porém, de acordo com as pesquisas, percebe-se que os terreiros do Recife e RMR são mais abertos e dão mais liberdade aos seus filhos de santo para definirem os modelos de seus axós, com a exceção do terreiro mencionado. Ao serem questionados sobre quem os define, 32 entrevistados (50%) afirmaram serem eles os que escolhem a roupa que pretendem vestir nas cerimônias, e apenas 14 (21,9%) indicaram os seus pais ou irmãos de santo. Os demais relataram ser a costureira (9,4%) ou seu orixá (18,7%).

Este é um resultado que favorece a venda de indumentárias litúrgicas para o povo de santo na região. Com menos barreiras e rigor, o mercado encontra ambiente oportuno para se expandir e maior facilidade em conquistar o consumidor.

Gráfico 3: Quem define o modelo do axó



Fonte: das autoras

### Vaidade oculta

- 18,75% declaram se importar com opiniões dos colegas quanto às suas indumentárias rituais.

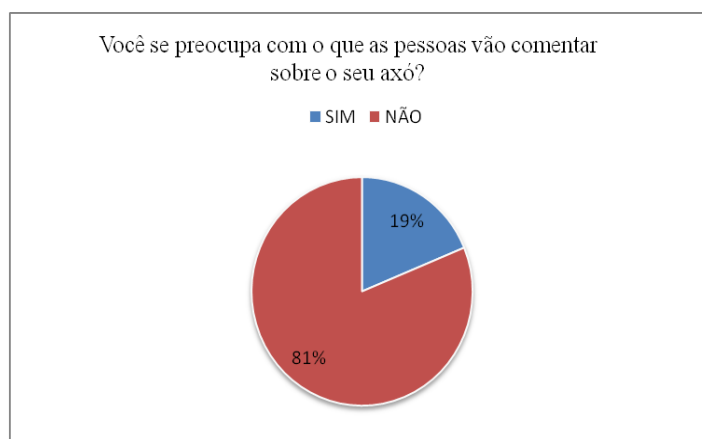
Quando o assunto se trata da relevância que as pessoas dão em estar odara<sup>4</sup> para as outras e para o seu orixá, nos estudos realizados por outros pesquisadores, foi revelado que o povo de santo valoriza muito os comentários e olhares de agrado às suas roupas e adereços. Como observa Souza (2007, p.68): “todos querem ser bonitos e todos querem estar um mais bonito que o outro. Para si, para o grupo, para o pai e a mãe de santo e, sobretudo, para o orixá”.

<sup>4</sup> Palavra de origem iorubá que significa belo, bonito, bom.

As pessoas caminham muito, procuram bastante até encontrar tecidos que sejam originais, que tenham belas estampas, bom caimento, grande parte das vezes a despeito de qualquer conforto, porque afinal ficar bonito, ficar odara, é o que interessa. Em nome da vaidade, não é incomum usar, em pleno verão escaldante, roupas de veludo, saias de muitas camadas, capacetes e coroas pesadas. (SOUZA, 2007, p. 65)

Durante a pesquisa nos terreiros do Recife e região metropolitana, portanto, quando questionados sobre a importância da opinião dos demais sobre suas vestimentas, apenas 12 pessoas (18,75%) declararam abertamente se importar com as opiniões de terceiros, e em obter destaque através dos seus axós. São estes que investem mais em brilhos, novos tecidos e se preocupam mais com a exclusividade de suas roupas. Os outros (81,25%) afirmaram apenas ter o desejo de agradar ao seu orixá e a si mesmos, prezando pelo conforto.

Gráfico 4: Relevância das opiniões



Fonte: das autoras

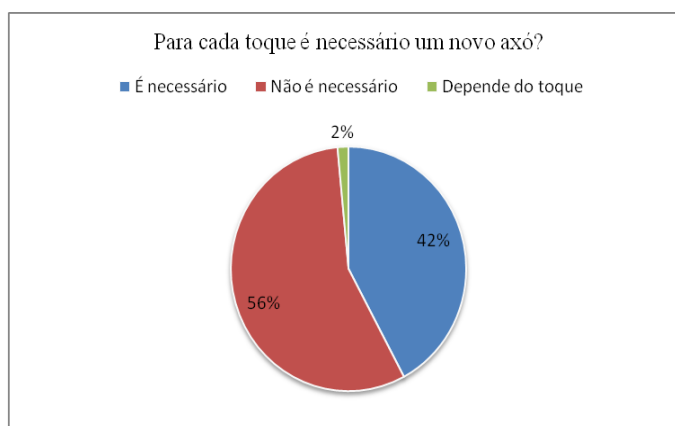
### Quantidade de axós por pessoa

- 63,1% afirmam ter mais de dez axós em seu guarda-roupa.

De acordo com os estudos anteriores, para o povo de santo qualquer esforço é válido quando se trata de vestir bem seu orixá. Muitos investem em axós luxuosos, mesmo quando as condições financeiras são difíceis; outros têm coleções em seus guarda-roupas pelo cuidado de não repetir com frequência suas roupas dos toques, para não correr o risco de ser comentado ou não agradar ao seu orixá, e existem também aqueles que se negam ao luxo.

Enfim, enquanto uns prezam pela exuberância, outros ainda permanecem na simplicidade. Durante as visitas aos terreiros de Recife e RMR, indagamos os fiéis para saber qual a opinião deles em relação ao uso variado de roupas para cada toque: 36 pessoas (56,3%) responderam que não veem necessidade em usar um novo axó em cada festa no terreiro, já 27 pessoas (42,2%) consideram importante se paramentar com novas roupas; e apenas uma respondeu que a escolha vai depender das festas. Ainda, 41 desses fiéis confessaram possuir em casa mais de dez modelos de axós.

Gráfico 5: A necessidade de novos axós para cada cerimônia no terreiro



Fonte: das autoras

### Relações do mercado com o contexto urbano

- Pouca comunicação e divulgação.

Durante o período de mapeamento do comércio de adereços e indumentárias das religiões afro-brasileiras em Recife, identificamos que, além dos quiosques dentro do Mercado de São José, existem três lojas situadas em seu entorno que comercializam adereços e insígnias para as cerimônias, e uma loja na Rua da Palma especializada no comércio de indumentárias.

O que chamou a atenção nessas quatro lojas foi a divulgação e o acesso a elas. Duas delas não possuem identificação na fachada; uma, além de não possuir identificação, está junto à outra, localizada num espaço escondido pelas vendas que tomam conta dos arredores do mercado.

Dessa observação concluímos que, embora este mercado tenha se expandido no que diz respeito à abertura para o comércio de novos produtos, industriais e importados,

questões relativas à comunicação com o contexto urbano, ou seja, sua divulgação, ainda é deficiente. As pessoas conhecem as lojas através de colegas, permanecendo no famoso boca a boca. Como o público que atendem é específico e intimista, esses comerciantes também não se preocupam em se apresentar para os demais segmentos da sociedade, o que diminui suas relações com a mesma.

Analisando esta situação, percebemos que o mercado também pode funcionar como um apoio na divulgação da própria religião para a sociedade que, segundo Martino, citado por Lima e Trasferetti (2007, p. 39):

necessita de reconhecimento social de sua existência, atividade e sobrevivência. O grau de legitimidade de uma instituição, num determinado espaço social, depende do grau desse reconhecimento. A legitimidade se dá pelo reconhecimento interno, dos membros da instituição, como também daqueles que a ela não pertencem.

#### **4. Considerações Finais**

O estabelecimento graduado das religiões afro-brasileiras no contexto urbano a partir do século XX permitiu a elas maior visibilidade social e um número cada vez maior de frequentadores. Este resultado se deu, principalmente, pelo espetáculo estético das festas públicas através das cores, formas e brilhos das roupas e acessórios dos fiéis. Com o passar do tempo, a produção de adereços e indumentárias foi acelerando, dando início a um processo de abertura e expansão do mercado litúrgico afro-brasileiro, o que vem acarretando mudanças tanto em sua concepção quanto nas relações entre o artesão/comerciante e o consumidor, e entre este com o produto.

A industrialização da produção e o acesso mais livre às mercadorias africanas possibilitou a comercialização de indumentárias no Brasil. Hoje, Recife é abastecida basicamente por produtos encontrados no Rio de Janeiro, em São Paulo, Fortaleza e Salvador, a maioria deles, trazidos por africanos. O mercado de indumentárias litúrgicas afro-brasileiras aqui é recente, numa faixa de sete anos, desde a inauguração do Ateliê Rainha das Águas.

Atualmente, tentativas de virtualizá-lo vêm acontecendo, embora ainda com dificuldades, devido ao conhecimento limitado dos comerciantes na administração das redes digitais. Mesmo reconhecendo a importância de se inserirem na internet para a

expansão dos seus negócios e alcance maior de consumidores, por não terem habilidades em comunicação online, o mercado litúrgico afro-brasileiro permanece oculto em relação a outros.

Também identificamos que a comercialização de axós limita-se a uma loja no centro da cidade, enquanto adereços podem ser encontrados em um número maior de vendas localizadas no Mercado de São José e entorno. Quanto a valores, o custo médio dos axós nesta loja compreende entre 160 a 1.500 reais, entre femininos e masculinos, importados e nacionais.

O desejo por peças exclusivas foi observado como uma característica comum entre esses consumidores, que por muito tempo puderam usar a criatividade e escolher os tecidos e detalhes que comporiam suas roupas rituais. Ser o mais bem vestido sempre foi a preocupação da maioria, no entanto, com a industrialização e consequente produção em escala, a exclusividade se tornou cada vez mais difícil de garantir.

Como exemplo, Marion explica o caso do richelieu<sup>5</sup>: "a maioria das pessoas de axé quer roupas exclusivas. Muitas vezes não dá, eu falo sempre que na parte do richelieu não dá, porque não é feito vários bordados diferentes". Esta dificuldade de encontrar exclusividade nas peças prontas justifica em boa parte o número de pessoas que ainda recorrem à produção artesanal, o que, por outro lado, não tem impedido o desenvolvimento desse tipo de comércio na cidade.

Percebemos igualmente, dentre os quatro terreiros visitados, que ainda existe uma resistência por parte dos fiéis da tradição xambá em aderir à compra de roupas prontas, visto que a casa possui em seu regimento um modelo pré-determinado que dificulta as relações com o mercado; no entanto, nas demais casas, a aceitação dos fiéis é nítida e crescente.

Defende-se, portanto, que Recife é uma cidade em potencial para a expansão de novas lojas de indumentárias, pois a procura por roupas industriais tem crescido gradativamente, devido à aceitação tanto da atual geração do povo de santo, quanto da mais antiga. Muitas casas têm dado liberdade a seus filhos de santo para escolherem o modelo de seus axós, permitindo a aproximação deles com o mercado litúrgico. O valor

---

<sup>5</sup> Renda - bordado muito valorizado pelo povo de santo. Símbolo de requinte nos terreiros.

simbólico se mantém, o que muda apenas são os métodos de produção e aquisição, que se tornaram mais baratos.

Ainda reforçamos a falta em Recife de mais visibilidade para esse mercado poder continuar em expansão, e essa visibilidade deve ser tratada, inicialmente, com um trabalho maior de divulgação na sociedade. Atitude que também auxiliará no reconhecimento social das religiões afro-brasileiras na região.

### Referências bibliográficas

FILHO, Marion Correia de Pontes. **A confecção e a venda de axós**: depoimento mar. 2015. Entrevistadores: Alfredo Sotero Alves Rodrigues, Karolina de Melo Silva e Zuleica Dantas Pereira Campos. Recife, 2015. Entrevista gravada com celular.

LIMA, MARIA ÉRICA DE OLIVEIRA; TRASFERETTI, JOSÉ. **O cenário religioso de bens simbólicos**: da produção ao consumo. Rastros, Santa Catarina, n. 8, p. 38-51, 2007.

PRANDI, REGINALDO. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. **Estudos Avançados**, São Paulo, vol. 18, p. 223-236, 2004.

SANTOS, E. C. M. **Religião e espetáculo**: análise da dimensão espetacular das festas públicas do candomblé. 2005. 229f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SANTOS, JOCÉLIO TELES. Cores e sentidos do candomblé no espaço público. **Debates do NER**, Porto Alegre, n. 22, p. 207-210, 2012.

SILVA, VAGNER GONÇALVES DA. Arte religiosa afro-brasileira: as múltiplas estéticas da devoção brasileira. **Debates do NER**, Porto Alegre, n. 13, p. 97-113, 2008.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Orixás da metrópole**. Petrópoles: Vozes, 1995.

SOUZA, P. R. **Axós e ilequês**: rito, mito e a estética do candomblé. 2007. 183f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.